

Domingo VII do Tempo Comum - Ano C – 23 fevereiro 2025



Viver a Palavra

No discurso da planície, Jesus continua a convidar os discípulos a olhar para o alto, apontando a medida alta da santidade. Depois de proclamar as Bem-aventuranças, Jesus continua a surpreender os seus ouvintes com a novidade das Suas palavras. É fácil imaginar o espanto dos ouvintes de Jesus, pois cada um de nós, que já conhecemos e escutámos estas palavras repetidas vezes, continuamos a sentir a radicalidade que elas comportam, pois, uma forma de agir como Jesus propõe rompe com os normais critérios de justiça onde aquele que ofende, agride ou insulta ao invés de ser admoestado e punido, parece encontrar espaço para prosseguir a sua obra.

Porém, Jesus desafia-nos a superar a lógica humana de vingança diante do mal que nos infligem. É verdade, que humanamente diante do mal e das ofensas que nos dirigem, somos tentados a reagir instintivamente, procurando infligir não um mal proporcional, mas tantas vezes um mal ainda maior para que o nosso desejo de justiça fique satisfeito. Deste modo, o Povo de Israel tinha estabelecido a Lei de Talião que pressupunha um critério de justiça humana que previa que ao mal causado a alguém se infligisse uma pena proporcional. Contudo, Jesus quer conduzir-nos ainda mais longe.

Jesus aponta-nos o caminho que devemos percorrer na relação com os outros e não apenas na relação com aqueles que nos são próximos e que nos provocam situações de bem-estar e contentamento. Jesus, conhecendo bem a nossa realidade humana, sabe que as relações muitas vezes se perturbam por tantas contrariedades e surgem os conflitos e as contendas. Sendo assim, como deve ser a nossa relação com quem nos faz mal, com quem nos ofende ou nos pede emprestado?

As palavras de Jesus não são de modo nenhum um atentado contra a justiça, mas o convite a viver as relações humanas numa nova lógica de perdão, misericórdia e compaixão. Na verdade, o Evangelho deste Domingo encontra-se ligado à primeira leitura do primeiro livro de Samuel na temática da relação com inimigo. David, perseguido por Saul, no deserto de Zif, tem a possibilidade de atentar contra a vida de Saul, mas poupa-o porque é o ungido do Senhor. Desafiado por Abisai a cravar a lança em Saul, David recorda que o respeito pelo ungido do Senhor deve transcender a lógica da inimizade.

Jesus eleva este desafio de superar a inimizade pelo amor à plenitude e convida-nos a viver a misericórdia como lugar de transformação das relações: «*sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso*». Aprender a amar e a perdoar só é possível colocando o nosso olhar no Deus do amor e da misericórdia, afinando o nosso coração de olhos fixos no coração de Deus. Assim como vemos tantas vezes afinar uma guitarra ouvindo o som de uma outra afinada, também nós, somos convidados a afinar o nosso coração pela mais bela melodia que brota do coração de Deus.

Na verdade, amar o inimigo tem uma valência não tanto afectiva mas efectiva e concreta. Trata-se precisamente de realizar gestos concretos e actos de amor que respondam de modo novo a gestos de ódio e difamação, rompendo com a espiral de mal e violência. Mas isto exige uma disciplina do coração e uma ascese da vontade. Por isso, é impossível amar os inimigos sem rezar por eles, pois na oração vejo o inimigo à luz do mistério de Deus, olho para ele e reconheço nele a imagem e semelhança de Deus. Já não olho para o outro como um inimigo ou adversário, mas como um irmão e, por isso, sou desafiado a percorrer o caminho que propõe S. Paulo: acolher a minha humanidade a imagem do homem celeste que Jesus imprime na nossa existência. Deste modo, poderemos proclamar com a nossa vida o que cantamos no salmo: «*O Senhor é clemente e cheio de compaixão*». *in Voz Portuguesa*

+++++

No dia 20 de fevereiro celebra-se a memória litúrgica dos Pastorinhos de Fátima: S. Francisco e S. Jacinta Marto. Sabemos como a devoção a Nossa Senhora de Fátima e a veneração dos santos pastorinhos que viram Nossa Senhora está muito enraizada na fé dos portugueses e, por isso, esta memória pode ser uma oportunidade para um tempo de oração e formação inspirada na mensagem das aparições de Fátima e no testemunho dos

pastorinhos. Na catequese, a descoberta e a aprofundamento da vida dos santos, de modo particular destas duas crianças que têm a idade de muitos dos nossos catequizandos, é muito importante, porque faz incarnar no tempo e na história a mensagem evangélica e testemunha a vocação à santidade a que todos somos chamados pelo batismo e que se deve viver e concretizar em qualquer idade e condição de vida. *in Voz Portucalense*

+++++

Já no **Tempo Comum**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 - , acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I - 1 Samuel 26, 2.7-9.12-13.22-23

Naqueles dias,

Saul, rei de Israel, pôs-se a caminho

e desceu ao deserto de Zif

com três mil homens escolhidos de Israel,

para irem em busca de David no deserto.

David e Abisai penetraram de noite no meio das tropas:

Saul estava deitado a dormir no acampamento,

com a lança cravada na terra à sua cabeceira;

Abner e a sua gente dormia à volta dele.

Então Abisai disse a David:

«Deus entregou-te hoje nas mãos o teu inimigo.

Deixa que de um só golpe eu o crave na terra com a sua lança

e não terei de o atingir segunda vez».

Mas David respondeu a Abisai:

«Não o mates.

Quem poderia estender a mão contra o ungido do Senhor

e ficar impune?»

David levou da cabeceira de Saul a lança e o cantil

e os dois foram-se embora.

Ninguém viu, ninguém soube, ninguém acordou.

Todos dormiam, por causa do sono profundo

que o Senhor tinha feito cair sobre eles.

David passou ao lado oposto

e ficou ao longe, no cimo do monte,

de sorte que uma grande distância os separava.

Então David exclamou:

«Aqui está a lança do rei.

Um dos servos venha buscá-la.

O Senhor retribuirá a cada um segundo a sua justiça e fidelidade.

Ele entregou-te hoje nas minhas mãos

e eu não quis atentar contra o ungido do Senhor».

CONTEXTO

O Livro de Samuel (dividido em duas partes – 1 Samuel e 2 Samuel) situa-nos no período histórico que vai de meados do séc. XI a.C. até ao final do reinado de David (972 a.C.).

Na primeira parte da obra (1 Sm 1,1 – 7,17), os autores deuteronomistas apresentam-nos diversas tradições referentes ao período pré-monárquico. É o tempo da instalação e da consolidação das tribos na terra de Canaan. É uma época de escassa consciência unitária, em que as diversas tribos vão fortalecendo laços, criando alianças defensivas para resistir aos inimigos cananeus, assentando as bases da fé monoteísta à volta de um Deus chamado Javé. As figuras de referência das tribos são os “juízes”, pequenos líderes locais

encarregados de administrar a justiça no tribunal, mas que podiam assumir outras funções de liderança e conduzir o exército das tribos nas guerras contra os cananeus.

Na segunda parte do livro de Samuel, narra-se o início da monarquia (1 Sm 8,1 – 15,35). Dado que as instituições tribais se revelavam desadequadas para responder aos novos desafios da história, nomeadamente à pressão militar exercida pelos filisteus, os líderes tribais quiseram experimentar o modelo monárquico. Fala-se na eleição do rei Saul e nos seus feitos. Contudo, essa primeira experiência da monarquia terminou de forma trágica, quando Saúl e o seu filho Jónatas morreram em luta contra os filisteus.

Na terceira parte do livro de Samuel descreve-se a ascensão de David ao trono (1 Sm 16,1 – 2 Sm 5,25). É o tempo da consolidação da monarquia. Com David, pela primeira vez as doze tribos do Povo de Deus integram uma unidade política, sob a autoridade de um rei.

Na quarta parte do livro de Samuel, os autores deuteronomistas apresentam um conjunto de tradições sobre a realeza davídica (2 Sm 6,1 – 24,25), incluindo o longo e conturbado processo de sucessão de David.

O texto que a liturgia deste sétimo domingo comum nos propõe como primeira leitura integra a terceira parte do livro de Samuel, a que apresenta. Refere um episódio que precede a chegada de David ao poder. Escolhido por Deus, mas perseguido pelo ciumento rei Saul, David tem de fugir para salvar a sua vida, enquanto espera que se cumpram os desígnios de Deus. Saul tem notícias de que David está nos arredores da cidade de Zif (uma pequena cidade situada nas franjas do deserto de Judá, a cerca de cinco quilómetros a sudeste de Hebron) e dirige-se para lá com o seu exército. Acampa nos arredores da cidade. Aproveitando a noite, David e um dos seus guerreiros (Abisai) penetram no acampamento do exército de Saul, sem serem detetados, e encontram o rei a dormir. Como é que David encara a oportunidade de se livrar, definitivamente, da perseguição que o seu inimigo lhe move? Aceitará vingar-se? A história passa-se por volta de 1015 a.C., pouco antes da morte de Saul às mãos dos filisteus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- A história dos homens está profundamente marcada pela violência. Pensa-se muitas vezes que a violência é a forma mais eficaz para resolver as diferenças e os conflitos; considera-se, por outro lado, que só recorrendo à violência é possível travar o aventureirismo dos agressores de serviço, empenhados em reescrever em seu favor a história do mundo. Para onde nos tem levado esta lógica? A história recente conheceu duas guerras mundiais que se saldaram em muitos milhões de mortos e numa destruição que deixou marcas por toda a terra... Mas, apesar das lições da história, não mudamos muito a nossa lógica. Em pleno séc. XXI continuamos a alimentar conflitos e guerras desumanas, numa espiral de violência e ódio que passa de geração em geração e parece não ter fim. Por cima de tudo isto, paira o espectro de um holocausto nuclear que pode acabar com a civilização e a vida na terra. Mergulhados neste cenário, continuamos a acreditar que a violência é o caminho para fazer nascer um mundo mais livre, mais justo e mais humano? Não será a hora de escolhermos outros caminhos para resolver as diferenças e os conflitos de interesses que separam os povos?
- A mesma reflexão deve ser aplicada à nossa vida pessoal.... Lidamos a cada passo com pessoas com quem estamos em desacordo. Muitas vezes esse desacordo ultrapassa-se através do diálogo civilizado ou simplesmente pela aceitação das diferenças. Mas, algumas vezes, o desacordo torna-se conflito aberto, discussão agressiva, talvez mesmo violência de palavras e de gestos. Isto pode acontecer até no espaço da nossa convivência familiar e envolver pessoas que amamos profundamente. Frequentemente a agressividade que imprimimos às palavras e aos gestos deixa feridas profundas, difíceis de curar. Posicionamo-nos numa espiral de intransigência e de orgulho ferido que nos deixa num beco sem saída e que mina as relações. Como é que lidamos com aqueles que estão em desacordo connosco? Como é que resolvemos as diferenças que nos separam? Deixamo-nos cegar pelo orgulho e procuramos vencer a todo o custo, mesmo humilhando ou magoando a pessoa com quem entramos em conflito? A nossa lógica, quando nos sentimos ameaçados e provocados, é a do “olho por olho, dente por dente”, ou é a lógica do perdão, da reconciliação, do amor?
- A sociedade contemporânea tem mecanismos legais para lidar com aqueles que atuam com agressividade, que usam a violência para garantir os seus interesses próprios ou para alterar uma ordem social que se recusam a aceitar. Esses mecanismos legais que protegem a ordem estabelecida serão sempre proporcionais e equilibrados? A sociedade terá o direito de tirar legalmente a vida a alguém para proteger a ordem ou para vingar uma falta, seja ela qual for? À luz da Palavra de Deus que neste domingo somos convidados a escutar, podemos aceitar que a pena de morte seja uma medida adequada para lidar com a violência e a agressividade?
- David recusa-se a aceitar o assassinio de Saul, pois ele, independentemente das suas ações, é o “ungido de Deus”. Ninguém, a não ser Deus, tem o direito de tirar a vida a alguém. Cada homem e cada mulher é um “ungido de Deus” e deve ser respeitado na sua vida, nos seus direitos e na sua

dignidade, desde que nasce até que chegue o momento de entregar a sua vida ao Deus que o criou. Hoje, apesar de todas as solenes declarações sobre direitos humanos, temos facilidade em menosprezar a vida e a dignidade das pessoas. Quando privamos alguém de vida digna, estaremos a respeitar o projeto de Deus? Quando aprovamos leis que banalizam a morte, estaremos a respeitar o projeto de Deus? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 102 (103)

Refrão 1: O Senhor é clemente e cheio de compaixão.

Refrão 2: Senhor, sois um Deus clemente e compassivo.

**Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.
Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades;
salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.
O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade;
não nos tratou segundo os nossos pecados,
nem nos castigou segundo as nossas culpas.
Como o Oriente dista do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados;
como um pai se compadece dos seus filhos,
assim o Senhor Se compadece dos que O temem.**

LEITURA II – 1 Coríntios 15, 45-49

Irmãos:

O primeiro homem, Adão, foi criado como um ser vivo;

o último Adão tornou-se um espírito que dá vida.

**O primeiro não foi o espiritual, mas o natural;
depois é que veio o espiritual.**

**O primeiro homem, tirado da terra, é terreno;
o segundo homem veio do Céu.**

O homem que veio da terra

é o modelo dos homens terrenos;

O homem que veio do Céu

é o modelo dos homens celestes.

**E assim como trouxemos em nós a imagem do homem terreno,
procuremos também trazer em nós a imagem do homem celeste.**

CONTEXTO

Não foi fácil a aclimação do cristianismo à realidade cultural e religiosa do mundo grego. A brilhante cultura grega funcionava segundo padrões que, em muitos casos, estavam bem distantes da mentalidade semita e dos valores do Evangelho de Jesus. A primeira carta de Paulo aos coríntios é certamente o texto neotestamentário onde o confronto entre os valores cristãos e os valores helénicos é mais notório.

A questão da ressurreição era uma das que levantava sérias dúvidas aos coríntios. Para a cultura judaica, a questão da ressurreição dos mortos não era especialmente problemática, pois considerava-se o ser humano como um todo indivisível; mas para a cultura grega, fortemente influenciada por filosofias dualistas (como a filosofia de Platão, por esta altura muito em voga) que viam no corpo uma realidade negativa e na alma uma realidade ideal e nobre, a ressurreição do homem integral era um absurdo. Como é que o corpo, realidade material que aprisionava a alma e a impedia de subir ao mundo ideal, poderia seguir a alma quando ela se elevasse ao mundo espiritual?

Paulo, questionado sobre esta problemática, apresenta a ressurreição dos mortos como uma das verdades fundamentais da fé cristã. Começa por lembrar aos coríntios a fé que lhes anunciou e que eles aceitaram; ora, no centro dessa fé está a ressurreição de Cristo, realidade já prevista nas Escrituras, mas que foi realmente testemunhada por Cefas, pelos Doze, por “mais de quinhentos irmãos” e pelo próprio Paulo (cf. 1Cor 15,1-11). Ora, se Cristo ressuscitou, também nós devemos ressuscitar: a ressurreição de Cristo garante a ressurreição de todos aqueles que vivem em Cristo e participam da vida de Cristo (cf. 1Cor 15,12-34). Outra

questão é a do “modo” como ressuscitaremos: “como ressuscitam os mortos? Com que corpo regressam?” (1Cor 15,35). Paulo evitando as representações extravagantes e algo folclóricas do judaísmo – que falavam da ressurreição como uma recuperação do corpo e da vida que cada um tinha enquanto estava na terra – tenta responder a estas questões (cf. 1Cor 15,35-53). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- De acordo com Paulo, o autor do texto da Carta aos Coríntios que hoje lemos, a ressurreição deve ser encarada como a passagem para uma nova vida, onde continuaremos a ser nós próprios, mas sem os limites que a materialidade do nosso corpo nos impõe. Será a vida em plenitude ou, como diz Karl Rahner, “a transposição no modo de plenitude daquilo que agora vivemos no modo de deficiência”. A morte é o fim da vida; mas fim entendido como meta alcançada, como plenitude atingida, como nascimento para um mundo infinito, como termo final do processo de hominização, como realização total da utopia da vida plena, como mergulho definitivo no horizonte infinito de Deus. Vivemos conscientes de que “a vida não é aqui” e que o melhor – a nossa plena realização, a nossa identificação total com o Homem novo, o encontro com a felicidade sem fim – está para vir?
- Encarar a morte física como o momento do encontro com a vida plena, permite-nos ver cada passo que damos na terra a uma nova luz. Ajuda-nos a ver as realidades deste mundo como não definitivas; faz-nos apreciar as coisas bonitas que encontramos na terra sem as absolutizarmos; liberta-nos do medo que paralisa, que nos impede de agir e de nos comprometermos; dá-nos coragem para enfrentar as forças de morte que oprimem os homens e escurecem o mundo; ilumina cada passo do nosso caminho com as cores da alegria, da harmonia, da serenidade e da paz... A certeza da ressurreição é para nós fonte de esperança?
- A nossa identificação com Cristo começa no batismo e continua depois, pela vida fora, nesse caminho de discípulos que somos chamados a percorrer atrás de Jesus. À medida que caminhamos e nos identificamos com Jesus, vai nascendo esse “homem espiritual” de que Paulo de Tarso fala e que irromperá definitivamente quando o nosso caminho nesta terra terminar. O nosso caminho aqui na terra é um caminho de identificação com Jesus? Caminhamos com Ele, escutamos e acolhemos as suas indicações, assumimos o seu estilo de vida, aprendemos com Ele a amar até ao extremo?
in Dehonianos.

EVANGELHO – Lucas 6,27-38

Naquele tempo,

Jesus falou aos seus discípulos, dizendo:

«Digo-vos a vós que Me escutais:

Amai os vossos inimigos,

fazei bem aos que vos odeiam;

abençoaí os que vos amaldiçoam,

orai por aqueles que vos injuriam.

A quem te bater numa face, apresenta-lhe também a outra;

e a quem te levar a capa, deixa-lhe também a túnica.

Dá a todo aquele que te pedir

e ao que levar o que é teu, não o reclames.

Como quereis que os outros vos façam,

fazei-lho vós também.

Se amais aqueles que vos amam,

que agradecimento mereceis?

Também os pecadores amam aqueles que os amam.

Se fazeis bem aos que vos fazem bem,

que agradecimento mereceis?

Também os pecadores fazem o mesmo.

E se emprestais àqueles de quem esperais receber,

que agradecimento mereceis?

Também os pecadores emprestam aos pecadores,

a fim de receberem outro tanto.

Vós, porém, amai os vossos inimigos,

fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca.

Então será grande a vossa recompensa

e sereis filhos do Altíssimo,

que é bom até para os ingratos e os maus.

Sede misericordiosos,

**como o vosso Pai é misericordioso.
Não julgueis e não sereis julgados.
Não condeneis e não sereis condenados.
Perdoai e sereis perdoados.
Dai e dar-se-vos-á:
deitar-vos-ão no regaço uma boa medida,
calcada, sacudida, a transbordar.
A medida que usardes com os outros
será usada também convosco».**

CONTEXTO

Jesus tinha passado a noite em oração num monte não identificado da Galileia: Ele falava sempre com o Pai antes de tomar decisões importantes. Depois de o dia nascer, tinha reunido os discípulos e escolhido Doze de entre eles. Chamara-os “apóstolos” (cf. Lc 6,12-16), que quer dizer “enviados”. Era o grupo dos mais próximos de Jesus, dos que se identificavam mais com o projeto do Reino. Eles representavam o novo Povo de Deus, a comunidade da nova Aliança.

Descendo do monte, acompanhado pelos discípulos, Jesus tinha encontrado, à sua espera, “uma grande multidão de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sídon, que acorrera para o ouvir e ser curada dos seus males” (Lc 6,17-18). Era gente que desejava ardentemente conhecer a proposta que Jesus trazia. Os discípulos também estavam ali. Dirigindo-se a todos, Jesus pronunciou uma longa “instrução” (cf. Lc 6,20-49). Nela definia o caminho que deviam seguir todos os que estavam interessados em fazer parte da comunidade do Reino de Deus. Essa “instrução” ficou conhecida como o “sermão da planície”.

O texto que a liturgia deste sétimo domingo comum nos convida a escutar como Evangelho, é o coração do “sermão da planície”. Define os traços fundamentais da identidade do verdadeiro discípulo. De acordo com Jesus, o “amor” – o amor gratuito, incondicional, ilimitado, sem fronteiras – está no centro dessa identidade. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Há vinte séculos que andamos a caminhar com Jesus. Há vinte séculos que andamos a escutar a sua proposta de um mundo mais humano e mais fraterno. Há vinte séculos que Jesus nos convida a colocar o amor no princípio, no meio e no fim de todas as nossas construções. Há vinte séculos que nos sentimos desafiados pelo seu mandamento de amar todos, sem exceção, incluindo os inimigos, os que nos odeiam, os que nos amaldiçoam, os que nos injuriam. Dizemo-nos “cristãos”, mas achamos que Jesus nos pede coisas impossíveis, impraticáveis e até mesmo perigosas. No fundo, não acreditamos em Jesus, não confiamos nas “soluções” que Ele propõe. Estamos convencidos de que as nossas soluções – que passam pela resposta musculada a quem pratica o mal, pela vingança contra aqueles que nos ofenderam, pelo castigo daqueles que praticam ações condenáveis, pela repressão daqueles que contestam as nossas certezas e seguranças – são as mais adequadas para tornar o mundo um lugar mais seguro, mais justo e mais feliz. Será assim? Onde nos têm levado as “soluções” que a nossa lógica humana considera mais eficazes? O mundo torna-se um lugar melhor quando respondemos à maldade com soluções de ódio e não com soluções de amor?
- O que é que significa amar os nossos inimigos? Somos obrigados a ser amigos de quem nos faz mal? Jesus exigirá que nos demos bem com os violentos, os injustos, os que nos agridem sem motivo? Amor e simpatia são coisas diferentes. A afinidade, o afeto, a empatia, a inclinação, a atração, não são fruto de uma decisão consciente, mas são algo que surge espontaneamente entre duas pessoas que se querem bem. Quando Jesus nos convida a amar os inimigos, está a pedir outra coisa: está a pedir que não nos deixemos vencer pelo ódio e pelo desejo de vingança, que não cortemos as pontes do diálogo e do entendimento, que não nos recusemos definitivamente a acolher a pessoa que nos magoou, que não evitemos dar o primeiro passo para ir ao encontro de quem errou, que não neguemos à outra pessoa a possibilidade de sair da sua triste situação e de começar uma vida nova... Seremos capazes de tratar o nosso irmão que errou com humanidade, sem o condenar definitivamente?
- Quando Jesus diz aos discípulos “a quem te bater numa face, apresenta-lhe também a outra, e a quem te levar a capa, deixa-lhe também a túnica”, estará a pedir que assumamos uma atitude passiva e conivente com as injustiças e arbitrariedades que sofremos ou que testemunhamos? Devemos simplesmente cruzar os braços e deixar que a lógica da violência e da maldade atuem no mundo e tomem conta dele? É claro que não. Ao dizer isso, o que Jesus está a pedir é que encontremos formas evangélicas de intervir para travar a injustiça, a violência, a agressividade. As soluções que alimentem a espiral da violência e da morte (o recurso às armas, a agressividade, o

ódio, a mentira...) nunca serão respaldadas por Jesus; mas a passividade indiferente também não é a solução que Jesus preconiza para lidar com o mal. Como é que reagimos à violência e à maldade?

- O ódio, o desejo de vingança, a vontade de responder violentamente a quem nos agrediu, são “respostas” espontâneas diante da maldade que nos atinge ou que atinge os irmãos que caminham ao nosso lado. São sentimentos de que nem sempre podemos alhear-nos quando estamos feridos e magoados. Mas não podem ser sentimentos que guardamos, que alimentamos e que armazenamos por tempo indefinido. Se o fizermos, eles desgastam-nos, envenenam-nos lentamente, destroem o nosso equilíbrio e a nossa paz, impedem-nos de ultrapassar os momentos maus, de curar as feridas, de refazer a nossa vida. Tem de haver uma altura em que nos entregamos à lógica do amor e nos decidimos pelo perdão. O perdão regenera-nos e permite-nos continuar em frente, reinventando a nossa vida. O ódio, o ressentimento, a decisão de não perdoar a quem nos ofendeu são realidades que cultivamos e que marcam a nossa história de vida? Sentimo-nos bem com elas? Caminhamos em paz com esse peso sobre a nossa cabeça e sobre o nosso coração?
- Jesus pede-nos que não julguemos e não condenemos os nossos irmãos. No entanto, apresentamo-nos facilmente como juízes implacáveis que, sem terem todos os dados na mão, decidem quem é culpado, apontam o dedo, colocam rótulos, destroem vidas e reputações, decidem quem deve ser salvo e quem deve ser condenado. As redes sociais, os fóruns de discussão online, a praça pública, são muitas vezes os “tribunais” onde essa pseudo justiça é posta em prática, sem misericórdia. Temos o direito de proceder dessa forma? A “justiça” que aplicamos assim não será antes uma violenta injustiça?
- A grande, a suprema razão pela qual Jesus nos convida a perdoar, a amar quem nos odeia e insulta, é o facto de sermos filhos de um Deus que é amor. A cada instante fazemos a experiência da bondade, da misericórdia, da ternura de Deus. Refugiamo-nos em caminhos de autossuficiência, fazemos escolhas disparatadas, deixamos que o egoísmo tome conta da nossa vida; mas Deus está sempre ao nosso lado, como um pai cheio de amor, de braços abertos para nos acolher, para nos levar para a sua festa, para nos oferecer a possibilidade de começar tudo de novo. Poderemos, com a nossa intransigência, com a nossa intolerância, com a nossa rigidez, apresentarmo-nos ao mundo como filhos de um Deus que ama sem medida e sem condições? Que testemunho é que damos ao mundo do Deus misericordioso em quem acreditamos e de quem somos filhos? *in Dehonianos*

Para os leitores:

Na **primeira leitura** deve ter-se em atenção os nomes próprios que apresentam maior dificuldade na pronúncia: «Zif», «Abisai» e «Abner». Para uma eficaz proclamação, deve ser tido em conta o tom narrativo da leitura e a respetiva articulação entre o discurso direto e o restante texto.

A mensagem da **segunda leitura** está construída pelo contraponto entre «*O primeiro homem, Adão*» e «*o último Adão*». A proclamação desta leitura deve ter em atenção esta construção literária e exige uma leitura cuidada para que este contraste nos conduza à conclusão da leitura que sintetiza a mensagem do texto: «*e assim como trouxemos em nós a imagem do homem terreno, traremos também em nós a imagem do homem celeste*».

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)